

Colete Encarnado

3, 4 e 5
de Julho '09



Vila Franca de Xira

Editorial



Caras e caros amigos,

É com muito prazer que vos acolhemos em mais uma Festa do Colete Encarnado, recheada, como sempre, de muitos momentos de animação e confraternização.

Vila Franca de Xira expressa, neste fim-de-semana tão especial, o seu sentido de terra aficionada e a sua personalidade afectiva, que toca a todos sem excepção. Iniciando na Quinta-feira com o encontro das Tertúlias, a que se segue, já na Sexta-feira, a inauguração da Exposição “Ruas da Memória”, no Celeiro da Patriarcal. São muitos os momentos que se irão seguir, repletos de significado e de tradição, únicos nesta região, e para os quais todos vós estão desde já convidados. De entre tantos que poderiam ser referidos, destaque para a Missa Rociera, que acontece na Sexta-Feira à noite, e para a cerimónia de Homenagem ao Campino – a figura central da nossa Festa –, no Sábado à tarde.

São três grandes noites de festa e, por isso mesmo, o programa de animação integra três grandes concertos: na Sexta-Feira os Ritual Tejo e no Sábado, Susana Félix. No Domingo à noite, o fado marcará a sua presença com Ana Moura, a que se seguirá o encerramento no Jardim Municipal, com um espectáculo de fogo de artifício a fazer as delícias de miúdos e graúdos.

Ao longo destes três dias, venha descobrir as nossas tertúlias, participar connosco nos melhores espectáculos taurinos e na famosa Noite da Sardinha Assada. Assista às tradicionais Largadas e Esperas de Toiros e corrida na Palha Blanco! Esta Grande Festa é dedicada a quem cresceu com o Colete Encarnado, mas também a todos quantos nos visitam por esta altura e que gostam da Festa.

Vila Franca de Xira gosta de Vos receber.

Seja bem-vindo.

A Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Maria da Luz Rosinha

António Verdasca Júnior: *o camponês* *que se fez campino*

O porte alto e elegante, a pele alva e os olhos claros dão – lhe uma aparência de origem nórdica. O cumprimento de mão é franco e a pele macia. O andar é ligeiro e a postura desenvolta. O perfil corresponde a um homem jovem, cidadão e estrangeiro. Na verdade tem 80 anos, dedicou toda a sua vida ao campo, envergou durante 46 anos um traje típico, ao serviço do ofício mais conceituado do trabalho rural Ribatejano: é campino.

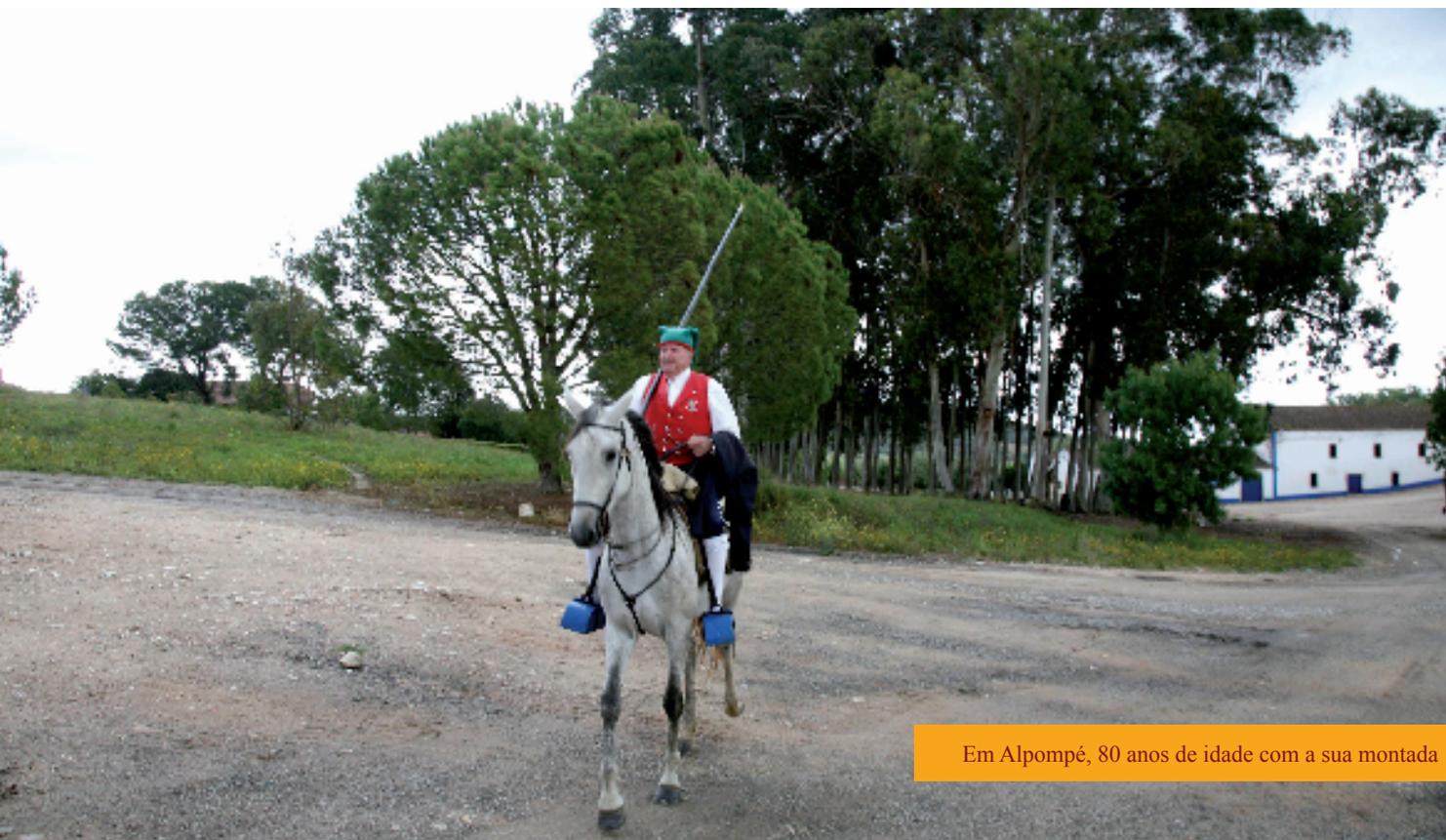
Foi baptizado de António Verdasca Júnior. Nasceu em Vale Figueira, Santarém. A dedicação que emprestou à arte de lidar o gado mereceram-lhe a distinção dos parceiros de ofício e é o homenageado, em Vila Franca de Xira, da original Festa de Homenagem ao Campino: o Colete Encarnado. Sábado, dia 4 de Julho, na Praça do Município, local nobre da Sede de Concelho, estarão reunidos os seus pares, aqueles que o irão reconhecer, em sessão solene, honrando a forma com que desempenhou a sua profissão, querida e amada por todos os presentes. Este momento simbólico será marcado pela entrega do Pampilho de Honra e por um turbilhão de emoções: manter a postura digna de um campino, de um homem ha-

bituado aos reveses do campo e a comoção do acto, presenciado e aplaudido pelos seus companheiros de lides. Vai ser difícil conter-se, até porque como disse a D. Felismina, companheira de vida, mãe da sua filha, “ele tem lágrima fácil”.

“Ferrenho pela profissão”, é assim que descreve a sua postura pelo ofício, António Verdasca Júnior está, obviamente, emocionado pelo tributo que os colegas lhe vão prestar pelos 77 anos do Colete Encarnado, Festa que nasceu para homenagear estes homens que guardam com sabedoria e mestria o gado nas Lezírias, ocupando uma posição discreta, mas fundamental na Festa Brava.

A consagração

Este homem que sempre viveu no campo e quase exclusivamente para ele, reconhece que chegar ao fim da carreira e ser homenageado pelo Colete Encarnado, é muito gratificante. É a consagração de uma vida de trabalho árduo, de dedicação ao campo e aos animais. Já foi homenageado noutras festas ribatejanas, mas considera a de Vila Franca de Xira muito especial. Raras foram as vezes que não veio abrilhantar a Festa, era famosa a sua presença



Em Alpompe, 80 anos de idade com a sua montada

com um conjunto de cabrestos malhados, conhecidos por estarem bem trabalhados, por corresponderem aos comandos do cavaleiro da vara. Rui Lopes, que durante 30 anos esteve responsável pela organização do Colete Encarnado, nomeadamente na relação da Autarquia com estas gentes do campo, referiu-se aos homens e aos animais, como “uma orquestra afinada”.

É conhecido pelas suas excelentes exhibições no Colete Encarnado, e noutras festas da região, nomeadamente na prova de cabrestos e na condução do gado para as largadas e esperas de touros. Desde que se dedicou, aos 26 anos, à campinagem que lida com cavalos: “Fui sempre maioral das éguas. Mas, quando era preciso ajudar, sempre

acompanhei os meus colegas que lidavam com gado bravo.”

Quem assistiu à condução do gado, à segurança da montada e à perícia do manejo da vara, não acredita que este campino não lide diariamente com gado bravo, mas ele desmistificou dizendo: “o que nos pode pôr nervosos, é se estivermos mal montados. Temos que ter mais atenção com o gado bravo, mas lidando com gado manso ou bravo, o importante é estarmos bem montados. Treinávamos muito em Porto Seixo com os cabrestos malhados que ficaram famosos no Colete Encarnado, era uma raça cá da casa, espanhola”, recorda saudoso o campino homenageado 2009 do Colete Encarnado.

Campino de mão cheia

Aquilo que sabe do ofício, deve – o ao seu mestre: António Guilherme. “Lidei com ele 40 e tal anos.

Ele não me ensinou nada, mas eu aprendi muito a ver como ele trabalhava”, asseverou António Verdasca. No Inverno era destacado de Alpompé, para Samora Correia, herdade de Porto Seixo, para onde o gado do ferro Infante da Câmara era transferido, lugar de ricas pastagens no tempo de Inverno.



Numa das muitas prestações na Prova de Perícia de Campinos ainda no Campo do Cevadeiro

Durante 17 anos, entre três a cinco meses, ali pernoitava e só via a família quinzenalmente. Foi ali que mais lidou com gado bravo. Embora fruto de grande sacrifício e trabalho, foi em Porto Seixo que se transformou num campino de mão cheia. A partir dali já tinha lidado com todo o tipo de gado, desde as reses bravas às mansas, até aos cavalos.

António Verdasca mostrou estar orgulhosamente convicto da sua

apetência natural para campinar: “Tenho vocação para o gado bravo. O meu avô era maioral de gado bravo, nos Infantes da Câmara. Às vezes pensa-se que o maioral das éguas não é um verdadeiro campino. Mas antigamente tanto era campino aquele que lidava com o gado bravo, como manso ou com as éguas. Um campino é um homem como eu, que lida com o gado do campo, que veste uma farda destas e que anda a cavalo. Eu andava todo o dia a cavalo: arranjava os arames, ia dar volta aos animais e era montado que lhes dava palha no Inverno”.

Sempre trabalhou para a família Infante da Câmara. Neto e filho de empregados desta Casa Agrícola, acabou por iniciar a sua vida profissional ao serviço dos patrões dos seus ascendentes. Aos 14 anos saiu da escola, “era rude para aprender, não era obrigatório e por isso sai”, justificou.

Começou, ao lado do pai, maioral da tralhoada de Emílio Infante da Câmara e ali ficou até aos 26 anos,

a trabalhar com bois de trabalho. “Depois há um primo do Colorau, o Patrício, que era maioral dos pol-dros da casa Infante da Câmara. Saiu e o encarregado geral da casa convidou-me para o lugar. Eu aceitei, sabiam que era habilidoso para pastor. Lembro-me dele dizer que eu não sabia campinar, mas que iria aprender, porque havia muito campino na altura para me ensinar”.

46 anos a lidar a cavalo

Começou aqui a história deste campino, embora a sua relação, a sua paixão pelo campo já viesse de pequeno. Começou a montar diariamente aos 26 anos e só parou aos 72 anos, embora de vez em quando, aos 79 anos, ainda mate saudades do estribo. As mazelas do trabalho, algumas sequelas de episódios que fazem sempre parte da vida dos campinos, fizeram-no abrandar o ritmo, mas só depois de reformado. Ainda continuou nas lides mais sete anos, no entanto o ranger dos ossos já se impunha à sua vontade. Uma intervenção cirúrgica à anca, com implante de próteses, determinou o fim regular do manejo do gado (éguas e vacas Charolesas).

Mas ainda hoje, se for preciso, vai a Alpompé, herdade da Casa Agrícola D. Maria do Rosário Infante da Câmara, em Vale de Figueira, Santarém, “ajudar a mudar os bezerros de um lado para o outro”. Sempre a cavalo, não haja a menor dúvida. As idas à terra que conhece como a palma das mãos e as visitas aos animais que foram a sua companhia por várias décadas é regular: “Ainda hoje lá fui e no ano passado fiz as férias daquele que lá está agora, dava a volta às éguas e às vacas, sempre a cava-

lo. Agora quando monto peço sempre a Deus para não me aleijar, mas antigamente era como beber um copo de água. Gostava tanto que até enjoava, ficava horas e horas a cavalo. Perto da reforma, o meu patrão dizia-me para não ir para lá o dia todo, ou num dia feriado, ou num domingo, mas eu ia sempre”, recorda satisfeito, com um sorriso marcado no rosto.

A mulher, D. Felismina recordou a propósito desta dedicação: “Chegou a haver dias que abalava às 6 da manhã e eram 10h da noite e ele sem chegar a casa. Eu aqui ficava à espera, ferradinha a chorar, a pensar que ele estava para lá morto. Quando pedia ao patrão para ir a uma excursão, dava-lhe autorização, mas ele levantava-se às tantas da madrugada para ir ver o gado. Nunca era pontual para ir algum lado”. O tom era crítico, mas o olhar denunciava orgulho pelo profissional dedicado que se revelou o marido.

Salvo pelas botas velhas

Mesmo os episódios marcantes, que puseram em causa a sua saúde, e mesmo a própria vida, não o fizeram desistir da campinagem. “As histórias más que tive foi sempre com gado manso. Uma vez estávamos a carregar um boi Charolês para o talho, estávamos junto ao enjaulador, o boi já tinha o laço pela cabeça para se puxar, mas depois decide recuar, vem de roda, fui tentar voltá-lo, arranca comigo, nem tive tempo de fugir. Agarrou-me pelas costas, levou-me no ar, só parou porque a corda não dava mais. Quando me largou, enfiei-me debaixo da camioneta. Fiquei duas semanas no hospital, muito



O Ferro de Alpompé



Ao fim de 46 anos, ainda honra a farda com vigor



“Eu era ferrenho pela minha missão”

magoados”, asseverou, sem grandes mágoas.

“Mas, tive outra pior, foi um acidente de cavalaria. Estávamos no Verão e num dia de manhã cedo pus-me a cavalo para ir junto ao Alviela, pisei alcatrão na estrada principal, o cavalo ganhou medo com qualquer coisa e escorregou, fiquei com a perna direita debaixo dele. Ao tirar-me de cima dele, ele levantou-se, mas o pé ficou atravessado no estribo, levando-me de rolo. A sorte é que tinha umas botas muito velhas, a do pé preso partiu-se pela gáspea, foi o que me salvou. Foi um milagre. Neste caso foi bom ser pobre e ter umas botas velhas”, terminou gracejando.

Embora a dureza da profissão tenha marcado a sua memória e sujeitado o seu corpo a estas e outras provações, o balanço é positivo e é com orgulho que enverga o barrete verde e a jaqueta vermelha. Para isto muito contribuíram as suas montadas, algumas recordadas com muita saudade: “A Égua Quina, era uma Luso – anglo – árabe e andei com ela 22 anos à frente dos cabrestos. Era especial, muito boa. Mas tive outra especial. Era a mais castiça da Feira do Ribatejo, em Santarém. Chamava-

se Flecha, de sangue Luso – Anglo. Fui campeão, em corrida livre, seis anos seguidos. Para correr não havia quem a batesse. Era conhecida como a égua de Alpompé. Quando morreu, todos aqui na família chorámos”.

Hoje, reformado e com as limitações físicas que a idade impõe, estas recordações dão folgo à sua vida. E são muitas, embora se tenha iniciado nas lides tardiamente. A este propósito, o ancião defendeu que “há campinos que se fazem, é o meu caso. Prova disso é que comecei aos 26 anos e ainda cá ando. Mas também os há, que nasceram para ser campinos, é o caso daqueles que fazem parte da família do Sr. Joaquim Isidro. Mas no meu caso, foi mesmo um caso de querer”. Para este homem, que honrou a profissão mais típica dos campos do Ribatejo, as explicações sobre a arte de ser campino encerram-se num ideal, muito seu e que perseguiu toda a vida: “O mais importante são os animais e a nossa missão. Eu era ferrenho pela minha missão”.

Texto: Prazeres Tavares

Fotos: Helder Dias

Rui Lopes, técnico responsável pela organização do Colete Encarnado ao longo de 30 anos

“Por Vila Franca de Xira eu faria tudo outra vez”

Os milhares de visitantes que todos os anos acorrem a Vila Franca de Xira para viver o Colete Encarnado, certamente que não reconhecem Rui Lopes entre a multidão. Mas para quem está por dentro da organização do certame mais carismático do Concelho, é incontornável a figura do homem que, durante mais de trinta anos, contribuiu com o seu trabalho para a organização desta Festa.

Paixão pelo Campo

Rui Lopes nasceu “em Vila Franca de Xira, em frente à Igreja do Mártir Santo, a 26 de Fevereiro 1950”. Embora os pais não tivessem qualquer ligação directa ao campo, foi para aí que este vilafranquense dirigiu os seus maiores interesses, estreitando laços desde muito jovem com tudo o que se relacionasse com o Campo e a Lezíria, a lide dos touros e dos cavalos: “Comecei a ir para o campo, para o Gado Bravo, quando havia ferras e garraiadadas, aos 12 anos.” Rui Lopes recorda que foi aliás neste meio que encontrou os seus amigos de uma vida inteira: “Tinha uma ligação com o Zé Canário, o Salvador, o Falua,

o Anastácio, que quando vinham às compras juntavam-se na Casa Lyra, ao Sábado, e eu ia lá muito para os ouvir falar. O Zé Canário era campino da Casa Agrícola Manuel Coimbra, estava no Mouchão da Cabra, passei lá muito tempo, nomeadamente

quando não tinha escola. Era também amigo do Joaquim Espadanal, equitador, um homem que era um espectáculo com os cavalos. Ele estava no Cabo da Lezíria, e eu chegava a passar o dia lá, ao Sábado e ao Domingo, ia almoçar com ele. Quando o meu filho nasceu também começou a ir comigo. Era um grande amigo. Ainda hoje, o meu escape é ir ao campo, ter com os meus amigos.”

Amor à profissão

Funcionário da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira desde 1966, em 1975 foram-lhe atribuídas tarefas na área do Turismo, dedicando-se à organização dos grandes certames da Autarquia. À atribuição destas funções não foi certamente alheia a sua forte ligação ao Campo e às pessoas que dele vivem. Em relação, por exemplo, ao mundo da Tauromaquia, que considera ser um meio “mais difícil”, não tem qualquer dúvida em exaltar “o ar do campo e os campinos, que ainda têm uma franqueza e pureza genuínas. Tenho uma grande amizade e grande paixão pelos campinos”, refere.

Foi desta forma que o exercício de funções na área do Turismo lhe permitiu manter as suas ligações ao campo, aos campinos e aos *ganaderos*, trazendo à Câmara Municipal e à organização do Colete Encarnado a mais-valia dessas ligações. “Quem tem os cavalos, os campinos, os cabrestos e os touros são os *ganaderos*. É preciso um contacto próximo para que as casas agrícolas os dispensem para a Festa. A partir de 1975, andei muitos quilómetros para os contactar pessoalmente, sensibilizando-os para que participassem no Colete Encarnado. Consegui a listagem de contactos de todos os *ganaderos* e coudelarias desta zona do Ribatejo, assim como dos abegões/feitores das Casas Agrícolas. Era com eles que combinávamos toda a logística para o



Colete Encarnado”. Um trabalho de grande exigência, especialmente nos primeiros anos, já que a dispensa de um campino para participar no Colete Encarnado implicava que algum do trabalho do campo ficasse por fazer. Em tudo o que fosse possível ao longo dos anos, Rui Lopes dava a sua ajuda: “A paixão grande dos Campinos é vir a Vila Franca de Xira, foram sempre bem apoiados e acarinhados. Chegaram a ir para o hospital e eu ir lá ter com eles para acompanhar a situação, porque a família estava no campo e eles estavam sozinhos.”

Rui Lopes recorda com especial satisfação o ano de 1984, em que “trouxe 82 campinos ao largo da Câmara Municipal, foi o *record!* Para tentar ultrapassar as dificuldades que se levantavam por eles faltarem ao trabalho, nós conseguíamos disponibilizando carros que iam à Casa para fazerem o seu trabalho, e eles levantavam-se mais cedo para irem tratar do gado, antes de saírem connosco. Sentia-me recompensado.”

Para além da homenagem ao campino, outras vertentes da Festa estiveram durante muitos anos a cargo deste técnico. À sua responsabilidade estavam também os contactos com as tertúlias, a noite da sardinha assada, e toda a componente logística desta iniciativa, de especial complexidade. Ao longo de cada ano, era ainda necessário assegurar o êxito de outros certames, tais como a Exposição Canina, Xira Infantil, Salão do Cavalo, Colete Encarnado, Feira Anual, Feira do Melão ou o Magusto dos Idosos, trabalhando por vezes nas mais diversas dificuldades. “Chegámos a trabalhar no Pavilhão do Cevadeiro sem cobertura, sem portas e com chão em terra batida. O chão era forrado a paletes e a platex, era um trabalho infinito. Mas por Vila Franca de Xira eu faria tudo outra vez”.

Em busca do melhor touro

Uma das funções inerentes à preparação do Colete Encarnado é a escolha dos touros para as Esperas. “Os touros das esperas são touros corridos nas praças que depois de lidados vêm para as esperas”. Este processo de selecção exige também muita

experiência e mesmo alguma sensibilidade. “Duas, três horas para os escolher, andávamos de carro no meio deles com o jipe, eu e os campinos responsáveis. Eram cornadas no jipe que até fervia!” Touros gordos, de cabeça e cornos grandes, são o que os campinos mais procuram para esta finalidade, já que o principal objectivo numa espera é que os animais corram e “dêem luta”. Mas é sempre uma incógnita até ao momento em que os animais são libertados nas ruas: “o Campino escolhe-o pela popa do rabo, pela cara, pela linha de criação, mas só na espera é que se faz a prova dos nove.”

Muitas histórias para contar

Ao longo de todos estes anos, são muitas as histórias que marcam as suas memórias, com alegria e também, algumas delas, com tristeza. “No Colete Encarnado, o pequeno-almoço era sempre tomado na Praça de Touros, em pé com a navalha. Juntávamos dinheiro, comprávamos, pão, linguças, chouriço preto, torresmos e um garrafão de vinho e era ali mesmo que comíamos, em pé e a conversar. Os hábitos do campo mantinham-se ali.”

Recorda no entanto, com compreensível tristeza, o ano da morte do seu irmão, em 1988. “Foi junto ao Museu Municipal, por um touro. Eu estava na Praça de Touros, depois dos touros serem distribuídos ficava lá até que as esperas terminassem. O touro mais pequeno e que menos cornos tinha, foi o que o matou. Ele ia a subir para a tranqueira do Museu Municipal e escorregou, o touro apanhou-o e furou-o. Foi a tragédia do Colete Encarnado, era muito ligado a ele, e ele também era muito aficionado. Ainda por cima fui eu que ajudei a escolher o touro que o matou. Nos primeiros tempos foi complicado, as coisas foram passando, mas quando chega aquele dia, lembramo-nos sempre.”

Mas as mais célebres e caricatas de todas as histórias são, indiscutivelmente, as que dão conta de fugas de touros durante as esperas. Recorda que no ano de 1982, durante uma espera,





“o comboio apitou e o touro saltou o muro, veio a correr ao longo do muro, mandou as mãos e saltou para a linha, foi ter a Alhandra. Foi morto a tiro pela GNR, na Cimiano.”

Em 1994, “o touro da estação saltou a cancela junto ao Salema e saltou também a da 1.º de Dezembro. Quando o vimos lá, vimos logo que havia bronca, porque se ele já tinha saltado duas cancelas, saltava também o muro da linha. Decidimos recolhê-lo para a Praça de Touros. Entretanto, continuou o burburinho de que ele andava fugido. A GNR andava também para trás e para a frente à procura do touro. Cheguei a achar que era outro que tinha fugido. Mas entretanto percebemos que aquilo de que se falava era do que já tinha sido recolhido. Já toda a gente o tinha visto em todo o lado, até no Bom Retiro!!! E o touro há que tempos na Praça de Touros!” Reconhecendo a graça do episódio nos dias de hoje, não deixa de sublinhar que na altura, a situação provocou muito pânico na Cidade.

Colete Encarnado, presente e futuro

Terminadas as suas funções em 2005, cada Colete Encarnado continua no entanto a ser vivido com grande

entusiasmo, já que algumas das funções que desenvolveu no passado estão hoje em dia a cargo do seu filho, Ricardo. Uma continuidade, não só nas tarefas profissionais mas também nos interesses pessoais que lhe dão muita satisfação: “Isto não se aprende, o meu filho sempre me acompanhou e teve paixão por toda esta cultura. Hoje em dia vivo o Colete Encarnado através da minha tertúlia e acompanho-o muito nas suas funções. Sempre que ele precisa dou-lhe conselhos. Também aprendi muito com os campinos mais velhos: o Zé Canário, o Sardão, o Zé Tavares, o Edmundo, eles é que tinham a mística do campo, falavam do campo com amor. O campo é saúde.”

Numa iniciativa que tem como mote a homenagem ao campino, é com optimismo mas também com alguma preocupação que Rui Lopes observa o exercício desta profissão nos dias que correm: “Esta profissão vai durar, com boas perspectivas, 20 anos. Já se lidam muito os animais de moto, já não é aquilo que era. O Campino deve lidar com os animais a cavalo, porque era assim a tradição. Não se fizeram escolas, casas agrícolas a investir nisso e não saem campinos. Com as novas tecnologias, os miúdos não se interessam.” Recorda por isso como bom exemplo o trabalho desenvolvido na Quinta da Foz, na pessoa do Mestre Pedro Artilheiro, que “fez lá uma série de miúdos campinos, foi uma escola de campinos, desde o Café, ao Palau, o Nelson Canário, o Tabacquinha e o Nelson. Para além destes, com idades muito próximas, existiam ainda o Genica/Janica, da “Oliveira e Irmãos”, e o Pedro Carniça, do Eng.º Rui Gonçalves. Houve um ano em que os homenageámos a todos como forma de os agarrar. Ainda hoje são campinos, foi muito giro.”

No primeiro fim-de-semana de Julho, ainda que já não tão directamente ligado à organização da Festa, a presença de Rui Lopes pelas ruas de Vila Franca de Xira será uma certeza, para viver em pleno mais um ano de amor à tradição, de convívio, camaradagem e de homenagem aos campinos, seus amigos de uma vida inteira. E embora já esteja reformado, continua a ter alguns projectos “na manga” para sugerir aos organizadores da Festa: “Gostaria de trazer os touros pela Ponte a pé para as esperas de touros, como se fazia antigamente. Já falei com vários campinos e isto tem viabilidade de se fazer. Os touros ficam na praça do Cabo da Lezíria com um jogo de cabrestos. Os carros pesados da Câmara Municipal cortam a estrada para o Porto Alto, cortam o bocado que vai para Lisboa, e no local dos Bombeiros entram ali para a Rua da Curraleta. Isto seria recuperar uma tradição antiga, que se fazia antigamente. Tem que se conseguir é trazer todos os campinos da zona, 50 ou 60. Com os campinos e uns bons jogos de cabrestos, este seria um espectáculo que gostaria de ver realizado, pelos 80 anos do Colete Encarnado.”

Entrevista: Prazeres Tavares | **Texto:** Filomena Serrazina

Fotos: Helder Dias



Pampilho de Honra'09 *José Paulo Silva*

No Colete Encarnado, o dia de sábado é, por excelência, dedicado ao Campino, figura central da Festa. Se de manhã, o destaque vai para as habituais provas de perícia e de condução de cabrestos, à tarde, no Largo do Município, é a vez do momento mais solene das festividades, com a “Homenagem ao Campino” e a entrega do “Pampilho de Honra”, um tributo póstumo. Este ano, o Pampilho leva inscrito o nome de José Paulo Nunes da Silva, uma perda precoce para todos.

Nascido a 4 de Agosto de 1965, na Herdade da Barroca d'Alva (propriedade do Eng.º José Samuel Lupi), Concelho de Alcochete, José Paulo ali cresce e ali aprende a arte de campino com o seu pai, maioral de vacas e toiros daquela Casa. Não quis estudar mais que a 3.ª classe até porque, sempre que podia, fugia da sala de aula para ir ter com os cavalos, a sua paixão. O seu primeiro trabalho foi nas cocheiras, onde aprimou os conhecimentos que o ajudaram a

formar-se no bom equitador que era. Aos 15 anos já fazia as esperas de toiros de Alcochete e aos 20, parte para trabalhar na Casa Agrícola de Herdeiros de Conde Cabral. Aqui, após um ano, passa a maioral de toiros e permanece por mais nove anos, até que decide inscrever-se na Companhia das Lezírias. Enquanto aguarda resposta vai para Santo Estêvão montar cavalos, entrando, depois, a convite de Bernardo Afonso, na Casa Conde Cabral, onde fica por um ano. Logo de seguida integra a Companhia das Lezírias, por dois anos e meio e depois, como costumava dizer, “foi fazer um estágio de um ano para Évora”, trabalhando como maioral de toiros para Luís Cabral Ervideira. Volta, entretanto, para a Ganadaria Canas Vigoroux onde fica por cinco anos. Mas, este campino acalentava desde sempre um grande sonho: a par do seu ofício, sonhava estar em praça como picador de toiros. O sonho inquietava-o e leva-o a deixar a Ganadaria, uma vez que a mesma não tem, naquela época, os seus toiros inscritos na Associação Espanhola de Toiros de Lide (UCTL), dificultando o acesso e o percurso que ambicionava





para cumprir o seu objectivo. É na Ganadaria Manuel Assunção Coimbra, para onde ruma (e fica até aos seus últimos dias), que tem oportunidade de concretizar esta outra profissão, outra arte.

Debutou como picador de novilhos a 2 de Outubro de 2005 na Praça de Morazarzal, província de Madrid, saindo às ordens do novilheiro Nuno Casquinha. Para cumprir as 25 novilhadas (exigidas para passar a picador de toiros) faltou-lhe apenas uma sorte de varas, pois, de resto, tinha já corrido as praças de Portugal, Espanha e França. Este, foi, sem dúvida, um campino peculiar, um dos três únicos picadores profissionais portugueses.

Responsável, amigo e homem devoto são algumas das virtudes facilmente apontadas por Anabela Cipriano, a sua mulher, mas que também eram reconhecidas na forma como desempenhava a sua profissão. A fé era sua companheira e, sem excepção, integrava a procissão em honra de Nossa Senhora de Oliveira e Nossa Senhora de Guadalupe, percorrendo as ruas de Samora Correia, nas festas tradicionais. Também lhe era conhecido o grande respeito pela farda de campino. Honrava e fazia respeitar o traje. “Perto ou na mira dele ninguém podia desmazelar nenhum pormenor” pois, segundo José Paulo, bastava um deles para representar O Campino. “Campino em trabalho não anda nem de copo

na mão nem de meia baixa”, recorda Anabela, com orgulho, as palavras do marido.

Prémios não lhe faltaram por esse Ribatejo fora, nomeadamente nas provas de campinos do Colete Encarnado onde era presença assídua. Os primeiros lugares eram recorrentes e proporcionaram-lhe vários pares de estribos, arreios e outros troféus, significativos da mestria que empregava na sua arte.

Foi no dia 7 de Setembro de 2008 que amigos e familiares se confrontaram com uma triste e inesperada notícia: José Paulo, com 43 anos, perdera a vida num violento acidente de viação na A6, perto de Montemor-o-Novo, quando regressava de Calasparra, Espanha, onde actuava na véspera. Foi tirado a todos e à Festa demasiado cedo, mas a saudade não vai deixar esquecer aquele que foi querido e respeitado por todos quantos o conheceram.

Passados 77 anos, o Colete Encarnado continua a proporcionar memórias únicas, pela tradição que encerra em momentos como a entrega do Pampilho de Honra. Fica, desta forma, a homenagem, sentida com a mesma entrega e sentimento com que José Paulo viveu os seus officios.

Texto: Ana Sofia Coelho

Fotos gentilmente cedidas por Anabela Cipriano

Herdade de Pancas, Samora Correia

Touros Conde Cabral: *trapio e espectáculo*

Os touros de ferro Conde Cabral, sobejamente conhecidos nas praças portuguesas, espanholas e francesas, são criados nas quase infinitas pastagens da Herdade de Pancas, em Samora Correia (Benavente). As reses desta Ganadaria são de origem Parladé, proveniente da original casta Vistahermosa, a partir da qual se deu início, no séc. XVII, à selecção dos touros de lide.

A história do ferro Conde Cabral iniciou-se, em 1951, há 58 anos, com um lote de vacas procedentes de Pinto Barreiros. Em 1954, pela primeira vez, um curro Conde Cabral faz parte do cartel de uma corrida na Póvoa do Varzim com João Núncio, Manuel Conde, António dos Santos e Francisco Mendes. A partir de então, a produção da ganadaria da Casa Agrícola Herdeiros Conde Cabral tem vindo a somar popularidade no meio. Nestes escassos anos, já conseguiu singrar no competitivo e selectivo meio taurino. As reses que apresenta, já conseguiram granjear o respeito e a preferência dos toureiros e dos aficionados.

Praças de prestígio, nacionais e internacionais, já ovacionaram o espectáculo que estes animais proporcionam na arena. Preferidos pelo toureio a pé, os touros Conde Cabral têm *trapio*, mas não são de grande porte. O seu peso oscila entre os 470 e os 520 kgs. De acordo com o representante da Casa Agrícola Herdeiros Conde Cabral, Rafael Vilhais, os touros ali criados “são de pouca caixa. São bem armados, têm as mãos curtas, os pitons no sítio. Têm tendência para humilhar. É um tipo ideal de touro de lide.

Defendo que o touro bravo não é grandão, hoje são assim porque são alimentados a ração. Os nossos são alimentados em pastagens, ao natural, embora, claro, em determinados momentos acompanhemos o pastoreio com um pouco de ração”.

Tradicionalmente as reses desta ganadaria são as

preferidas pelo toureio apeado. Rafael Vilhais esclareceu que “lidamos muito a pé, há uma série de anos que lidamos na Feira da Moita, na corrida dos matadores, mas também estamos presentes com assiduidade em corridas mistas. Aliás, lidamos anos seguidos no Colete Encarnado”.

Esta é uma das festas ribatejanas onde a cultura tauromáquica é vivida em pleno, exultada pelos seus admiradores e na qual a Casa Agrícola faz questão de se fazer representar: “O Campino da casa vai sempre. O Colete Encarnado é uma das grandes festas que não se deve perder! Vila Franca de Xira tem realmente coisas muito boas, está no coração do Ribatejo e deve manter esta tradição. Nós tentamos sempre contribuir para que isso aconteça”, afirmou com firmeza o representante da Herdade de Pancas. O Ganadeiro, D. Eduardo de Queiroz, adiantou mesmo que “é de louvar e reconhecer o trabalho que a Sr.^a Presidente da Câmara tem vindo a desenvolver, no sentido de manter a tradição e incrementar o respeito pela Cultura Tauromáquica”.

A propósito das questões que têm vindo a debate na sociedade portuguesa, quanto à sustentabilidade destas tradições no presente e no futuro, nomeadamente pelas facções anti – touradas, Rafael Vilhais adiantou que “o que me preocupa são as proibições que estão a acontecer, nomeadamente a Norte do País e que culminaram com a destruição da Praça de Touros de Viana do Castelo. Para não falar de outras Autarquias que não querem também apoiar a Festa. Isto é que me preocupa mesmo. O motivo



HERDADE DE PANCAS
CASA AGRÍCOLA HERDEIROS CONDE CABRAL
LIDE - CORRIDA DE MATADORES
PRAÇA DE TOUROS DE VIANA DO CASTELO
REPRESENTANTE DA HERDADE DE PANCAS
RAFEL VILHAIS
1951



da existência destes animais são as corridas, quando estas acabarem, podemos vê-los no Jardim Zoológico. Depois haverá só animais de raça mansa. Em termos económicos também deve referir-se que há muita gente a viver disto: as rações, os que fazem as bandarilhas, os transportes, até a restauração. Eles não servem para outra coisa, há muita gente contra, mas depois comem lagosta suada, que é cozinhada ainda viva” concluiu com um encolher de ombros.

Actualmente a ganadaria apresenta-se com um efectivo de 400 animais bravos, criados numa extensão de 400 a 500 hectares, do total de 2266 que compõem a Herdade de Pancas. O representante da Casa Agrícola de Herdeiros de Conde Cabral explicou ainda que a manada é constituída por animais de “pelagem predominante negra, embora também tenhamos alguns *jaboneros*. Temos oito sementais. A linha mais antiga da Ganadaria é do encaste Pinto Barreiros, que é, como se costuma dizer, a mãe de todas as ganadarias e Oliveiras e Irmãos, que se pode considerar, por sua vez, o pai delas. Temos ainda algumas reses de encaste Domecq, que estão a ser criadas à parte, uma vez que se pretende manter puro”.

Rafael Vilhais, no âmbito das suas funções, também é responsável por organizar e acompanhar as *tentas*, realizadas em praça própria, sendo como é óbvio um momento a que se dedica muita atenção, uma vez que é fundamental no processo de selecção do ferro Conde Cabral. A este propósito este acérrimo defensor da Festa Brava referiu que: “Nesta fase tem de se ser muito rigoroso, para que consigamos manter os padrões de qualidade que são definidos para esta ganadaria. Por exemplo, normalmente numa altura de *tentaderos*, o número de animais apurados é por vezes significativo desse cuidado, veja-se o que aconteceu no ano passado: Tentámos 60 fêmeas e só foram apuradas 10”.

A exibição, em praça, dos touros provenientes desta ganadaria têm granjeado vários prémios, de entre os quais Rafael Vilhais ressaltou os 11 obtidos na Corrida da Rádio Renascença, “mas também ganhámos, na Corrida da RTP, vários concursos de ganadarias. Ao longo dos anos temos ganho muitos outros prémios”, defendeu orgulhosamente.

Ainda neste registo, recordou alguns touros que afamaram a Ganadaria: “Houve vários touros importantes. Por exemplo, lembro-me do Zoio, que foi toureado pelo famoso José João Zoio, em Alcochete, 1982 e que ficou famoso por o ter afastado das arenas. Por isso pusemos – lhe o nome dele. Tem várias vacas na manada e teve vários sementais, era impressionante de pitons, um touro com *trapio*. Houve ainda o Tesouro, toureado em Vila Franca de Xira pela Feira de Outubro, por Rui Bento, também foi extraordinário. Lembro-me também de um touro que foi lidado pelo Pedrito, foi um touro excepcional, morreu aos 19 anos. O Birrento, por exemplo, foi o melhor toiro da Feira da Moita de 2003, acabou por morrer cá repentinamente, mas os produtos dele também são muito bons. Foi toureado por António Ferreira. Mas há muitos outros! ”.

Actualmente a Ganadaria de Pancas tem disponível para a temporada de 2009 cerca de 35 toiros, o que previsivelmente permite a presença dos seus curros em cerca de cinco corridas. O espectáculo que permitem em praça, pode ser apreciado pelos aficionados nesta temporada de 2009. Entretanto não perca a participação do Maioral João Fernandes nas esperas de Touros do Colete Encarnado, em Vila Franca de Xira.

Texto: Prazeres Tavares

Fotos: Helder Dias

Tertúlia

O ESTOQUE

Em Família; por amor a Vila Franca

Bem no “coração” da cidade de Vila Franca de Xira está uma das tertúlias mais dinâmicas da terra. Nasceu da transformação de uma garagem num espaço de convívio e reunião familiar. O nome “O Estoque” retrata bem a paixão pela verdade da Festa Brava. Comemora este ano o seu 33.º aniversário. Está “na flor da idade” e orgulha-se de já ter reunido quatro gerações de tertulianos, o mais novo com dois anos de idade.



Nascimento

Tudo começou há 33 anos, a partir de uma garagem, propriedade de José Fernandes, conhecido por Zé “da Mariana”, e de Maria Letra. Era um espaço meio abandonado nas traseiras da estação de Correios da cidade, bem perto do Mercado Municipal.

Em 1976, Maria Letra, com as filhas, Fernanda e Eduarda, e os genros, José Leonel e Augusto Levezinho, unidos pela Festa Brava, iniciam a transformação do local e fundam a tertúlia. “Não tinha nada a ver com o que é agora. O que aproveitámos foi essencialmente esta entrada e aquele portão que é único em Vila Franca. Criámos estas paredes, os arcos e o tecto, com a ajuda de alguns amigos. Há dois que não esquecemos e a quem agradecemos muito a colaboração: o Teodoro Poim, que já cá não está, da Castanheira do Ribatejo e o Teodomiro Carvalho, aqui de Vila Franca. A Maria Letra ajudou bastante, mesmo financeiramente. Depois juntou-se a nós também a malta mais nova”, recorda Augusto Levezinho.

Batismo

A paixão pela Tauromaquia motivou a escolha do nome. “O Estoque. É uma ferramenta que, infeliz

mente, em Portugal os profissionais, toureiros e cavaleiros, não podem utilizar. A Lei não o permite e nós temos que a respeitar. É utilizada num dos momentos mais importantes da Festa Brava: o confronto final do toiro com hastes limpas e o homem”, justifica Augusto Levezinho que recorda as vezes que, em nome desse momento, viajam para o país vizinho: “Dormimos no carro e comemos no parque de estacionamento para podermos assistir a uma corrida com a verdade da Festa”. Não fosse a bendita entrevista e estariam todos frente ao televisor, “a ver a verdade dos toiros, com um curro português, um curro de *Palha*, que está a dar da Feira de Sevilha!”.

De geração em geração

Ao longo destes 33 anos a tertúlia já conseguiu envolver quatro gerações. “É uma faceta muito engraçada. Começou pela avó, que era a matriarca, depois as filhas e respectivos genros, depois os netos e agora os bisnetos. O mais novo tem dois anos. Aprendemos a apreciar touros pelas mãos destes nossos antepassados”, recorda Luísa Letra que não esquece o papel do pai, “Manel da Neta”, o homem que abriu, durante 45 anos, os curros da Palha Blanco: “Levava-nos ao colo, sen-



Maria Letra,
matriarca da família
adadora da tertúlia

tava-nos nos parapeitos da Praça, onde a gente via os touros e aprendemos a gostar. E aquilo que ele um dia fez é o que hoje conseguimos fazer aos nossos filhos de uma outra forma. O saber ir, o saber estar e o saber ver - tudo isso a gente foi aprendendo”.

Dentro de portas

Criar um espaço de convívio que não tivesse a ver com a Tauromaquia estava completamente fora de questão. “Isso era mesmo fora do contexto! Nós em Vila Franca e aficionados, a gostarmos dos touros e da Festa Brava, estava fora de contexto arranjarmos aqui uma casa só para petiscos, não acha? Quer dizer, isto tinha que ser realmente dedicado àquilo de que nós gostamos e aquilo de que nós gostamos são os touros!”.

Este amor aliado às boas relações familiares mantêm bem viva a chama da tertúlia. “Parece-me que será quase a única tertúlia em Vila Franca que todos os fins-de-semana faz convívios, na maioria da vezes com a família e de vez em quando também com alguns amigos. Durante o ano vivemos aqui muitos dias e noites a brincar e a passar bons momentos”, afirma orgulhoso Augusto Levezinho.

Todos trabalham e contribuem da mesma forma, garante Fernanda Letra, outra das fundadoras: “Nós lavamos a loiça, pomos as mesas. Eles tratam do trabalho mais “pesado” e da comida. Temos muito bons elementos. Muito bons cozinheiros. É um trabalho de equipa”.

Nos pouco mais de 15 m² de espaço, respira-se *aficción*. É notório que cada centímetro foi cuidada e criteriosamente preenchido com uma peça decorativa ligada à Tauromaquia. Os donos da casa afirmam que o espólio poderá não ter grande valor material, mas tem muito valor sentimental. Luísa Letra conta que cada peça exposta tem uma história e um sentido. “Só está aqui porque representa

qualquer coisa para nós. A *aficción* na Palha Blanco com fotos da avó sentada na barreira; quadros da tradicional Feira do Melão, que agora não tem havido, mas que é importante porque tem a ver com a nossa cultura colectiva de povo ribeirinho, ao qual a nossa avó também pertencia; a peça do forçado está aqui porque foi a roupa de um neto da fundadora desta casa: o célebre Carvalhosa. Foi um dos primeiros portugueses a pegar um toiro em pontas na Monumental de Madrid. Depois há o capote que era da Escola José Falcão. Há os retratos dos grandes toureiros de Vila Franca. Cada quadrozinho destes tem uma história. É um bocadinho de nós”.

É uma tertúlia de família e de afectos, aberta ao exterior. Luísa Letra afirma com satisfação que aquele que visita o espaço “ficará a saber um bocadinho mais dos nossos usos e costumes, fica a conhecer a nossa forma de conviver, recebe um bocadinho da nossa *aficción* e fica com vontade de cá voltar. Aquilo que no fundo nos dá prazer é enaltecer o nome de Vila Franca!”.

Sendo a tertúlia, por definição, um espaço de debate de ideias, a tertuliana assegura que “O Estoque” não foge à regra. “É um espaço aberto à troca de diferentes opiniões, a outras famílias, amigos e a todas as pessoas que apreciem a Festa Brava, que gostam de *aficción*, que gostam muitas vezes até de a discutir, porque aqui também se discute”. (VER CAIXA)

Fora de portas

Existem cerca de 30 tertúlias constituídas em Vila Franca de Xira, mas, na maioria dos casos, a sua actividade é mais notória apenas durante as grandes festas da cidade: Colete Encarnado e Feira de Outubro. Na tertúlia “O Estoque” as coisas não se passam bem desta forma: “Nós aqui também temos esse condão no Colete Encarnado e vamos buscar as sardinhas que a Câmara nos concede, mas independentemente disso, durante todo o ano temos sempre a nossa caldeirada, ou uma feijoada ou um churrasco. Na Feira há aí uns cinco dias em que praticamente parecemos um restaurante: criamos uma ementa e todos os dias responsabilizamo-nos por cumpri-la para os amigos e cada um paga o seu. É um convívio!”, explica Augusto Levezinho.

Mas a dinâmica da tertúlia também extravasa as suas portas, e já há experiência na organização de uma Festa Campera. Aconteceu há três anos, na Herdade da Torrinha, do Mestre David Ribeiro Telles, e foi um

sucesso. Este ano, à data da entrevista, preparava-se a segunda experiência. “Penso que esta é a única tertúlia, com cariz familiar, que organiza este tipo de Festas”, refere Augusto Levezinho. Fernanda Letra acrescenta: “Nós temos esta vida toda para dar. Vila Franca merece uma coisa destas. Somos assim e damos tudo aquilo que podemos”.

Com as outras tertúlias

É consensual a ideia de que as tertúlias são uma marca da tipicidade de Vila Franca de Xira, podendo constituir-se como embaixadoras das tradições da cidade. A experiência desta tertúlia parece comprová-lo. “Apesar de nós não termos um espólio muito rico, as pessoas param e acham engraçado o pouco que temos, gostam do portão e acham curioso ver tanta gente reunida num espaço tão pequeno”, conta Augusto Levezinho. Se gostariam de ver mais tertúlias com uma actividade e dinâmica semelhantes, Fernando Letra não hesita: “Ah! Isso adorava! Porque traria a Vila Franca algo de novo. O Bairrismo a *aficcion*, essas coisas todas...”.

Luísa Letra destaca mesmo a iniciativa de uma das tertúlias mais recentes da cidade, “O Aficionado”, pela exposição de trajes de “luces” que realizou o ano passado. “Uma coisa fabulosa, importantíssima, educativa. Não sei qual foi o número de visitas que lá tiveram, mas não vi uma grande divulgação da exposição, o que foi uma pena. Foi uma tertúlia que teve uma iniciativa inovadora e é de louvar. É desse tipo de coisas que faz falta haver mais”.

Desafiados a lançar sugestões para tornar o ambiente tertuliano da cidade mais vivo, Augusto Levezinho não tem dúvidas de que seria bom haver mais convívio entre as tertúlias e que organizassem iniciativas em conjunto. Ideias não lhe faltam! Por exemplo, um encontro anual de tertúlias na praça de touros, por altura da Semana da Cultura Tauromáquica: “Era tão bonito! Falávamos aí com gente conhecida, arranjavamos umas vacas... Mas isto não pode ser só uma ou duas a meter-se e a arcar com tudo. Têm de ser pelo menos uma meia dúzia a organizar-se e a partilhar tarefas”. E fala também uma Festa Campera de todas as tertúlias, aberta a vila-franquenses e forasteiros: “Acho que era genial. Pudermos passar este frenesim que temos no sangue aos que não têm isto. Quem sabe se não arranjavamos mais adeptos para a festa do Campo e dos Touros, da Tauromaquia!”

Pela sua parte, os representantes d’ “O Estoque” mostraram-se receptivos a trabalhar em conjunto



com os seus parceiros e com a Câmara Municipal, no sentido de fomentar a actividade das Tertúlias e engrandecer a Festa. “Desde que seja para divulgar o nome da minha terra, que é Vila Franca, que, para mim, é a maior terra do Ribatejo, claro que sim”, afiança Augusto Levezinho.

Texto: Susana Santos

Fotos: Vitor Cartaxo e Tertúlia “O Estoque”

Se “Tertúlia” é sinónimo de debate e discussão, pudemos presenciá-los *in loco*. O Colete Encarnado foi o mote para uma troca de argumentos bem acesa, mas respeitadora como se quer.

Desabafa Luísa Letra: “No cortejo não gosto de ver charretes com sevilhanas em cima. Aquilo não é meu. Aquilo não me diz nada. Não estou contra a missa *rociera* em si, mas pelo menos o cortejo devia ser mais simbólico do que nós somos, do que é Vila Franca. Vem aí um turista e pensa que aquilo é nosso, e não é. Uma coisa é a *aficcion* dos touros que tem tradições portuguesas e espanholas, mas que já são apreciadas a nível mundial. Outra coisa é estarmos na festa popular do Colete Encarnado e ver tantas referências a coisas que não são nossas.”

Replica Augusto Levezinho: “Mas hoje em dia é preciso não esquecer que temos que fazer coisas para toda a gente, coisas modernas. Temos que apresentar coisas que “puxem gente”!”

Luísa Letra: “Tudo bem, mas que não se percam as nossas raízes!”





Da Tertúlia à Praça de Touros...

... Não foi um passo, mas talvez o percurso natural de quem quase nasceu e cresceu a ouvir falar de touros. Ricardo Levezinho, acompanhado do irmão e do pai (Rui e Augusto Levezinho, respectivamente) quis levar esta paixão e o amor a Vila Franca mais longe e, há cerca de ano e meio, lançou-se na aventura da gestão da Praça de Touros “Palha Blanco”.

Loucura e muita *aficcion*

A educação taurina recebida no convívio da tertúlia fez de Ricardo Levezinho um aficionado. “Olhamos para esta parede e vemos onde é que estão as nossas referências, os nossos gostos. Sempre ouvi falar de touros, apanhei desde cedo o gosto por esta tauromaquia”, explica. A candidatura à gestão da praça de touros diz ter sido motivada por “um pouco de loucura, muita *aficcion* e um gosto muito especial pela nossa terra”.

Colete Encarnado

Nos tempos mais próximos desta temporada, destaque para o espectáculo de Re-



cortadores que regressará à Palha Blanco a 27 de Junho, na Semana da Cultura Tauromaquia. “As fórmulas de sucesso são sempre para repetir!”, afirma Ricardo Levezinho. Para o Colete Encarnado, o espectáculo foi preparado com todo o

cuidado: “Touros da ganadaria de Carlos Falé Filipe, para os cavaleiros António Ribeiro Telles, João Ribeiro Telles Jr. (pela primeira vez em Vila Franca de Xira como cavaleiro profissional) e os forcados de Vila Franca de Xira. A pé, o triunfador do ano passado em Vila Franca, Sánchez Vara, que fez uma faena extraordinária no Festival de Outubro, e João Augusto Moura, que é a novidade portuguesa de

que neste momento mais se fala por aí”.

Praça Cheia

Augusto Levezinho sublinha que se vai “continuar a apostar no toiro. Um dos nossos lemas é apresentar touros de verdade”. Ver a praça cheia de público seria um gosto. “Temos a esperança de que os aficionados de Vila Franca voltem a olhar e a ir à sua Praça com orgulho. Temo-nos esforçado para isso. Se vamos às outras terras e as praças estão cheias, aqui temos esperança que isso volte a acontecer. Até agora não tem sido fácil, mas foi em nome de uma *aficcion* de verdade que nos metemos nisto e os verdadeiros aficionados irão, mais tarde ou mais cedo, corresponder”.

Ricardo Levezinho, por seu lado, afirma que pretende ajudar Vila Franca no melhor sentido. Para isso, conta com a ajuda de todos “para levarmos para a frente a defesa dos nossos valores, a defesa da nossa terra, para que nos sintamos orgulhosos de ser vila-franquenses!”.

Texto: Susana Santos

Fotos: Mário Saldanha e Marco Aurélio

FEIRA anual

CMVFX | G&R'09

3 A 11 Outubro
Parque Urbano

XXIX Salão
de Artesanato

Vila Franca de Xira



Município de Vila Franca de Xira | Turismo



www.cm-vfxira.pt

Apoios: